

A Poética da Literatura Indígena no Universo Infantil

Enilze de Souza Breguedo, Célia Regina Delácio Fernandes

enilze.breguedo@ufms.br, celiafernandes@ufgd.edu.br

Resumo: O presente trabalho analisa a poética da literatura indígena contemporânea voltada ao público infantil, tendo como corpus a obra *Txopai e Itôhã* (1997), de Kanátyo Pataxó. A pesquisa, de natureza qualitativa e bibliográfica, busca compreender como as estratégias narrativas empregadas por escritores indígenas articulam cosmovisões próprias, subvertem estereótipos e contribuem para a formação de leitores críticos e sensíveis à diversidade étnico-cultural brasileira. Discutindo os conceitos de literatura infantil e narratividade, o estudo evidencia como a produção literária indígena rompe com os padrões hegemônicos do cânone ocidental, valorizando a oralidade, o mito, a ancestralidade e os modos de existência dos povos originários. A análise da obra de Kanátyo Pataxó revela uma narrativa mítica profundamente vinculada à memória coletiva do povo Pataxó, representada tanto por meio do texto verbal quanto pelo grafismo e pelas imagens simbólicas. Ao destacar a autoria indígena como elemento essencial da construção de uma literatura comprometida com a identidade, o território e a ancestralidade, a pesquisa reafirma o papel da literatura como espaço de resistência, afirmação e reexistência dos povos indígenas no Brasil contemporâneo.

Palavras-chave: Literatura indígena, Literatura infantil, Narratividade.

Abstract: This study examines the poetics of contemporary Indigenous literature for children through an analysis of *Txopai e Itôhã* (1997) by Kanátyo Pataxó. Employing a qualitative and bibliographic approach, the research explores how Indigenous authors employ narrative strategies to articulate distinct worldviews, challenge stereotypes, and foster critical readers attuned to Brazil's ethnic and cultural diversity. Engaging with concepts of children's literature and narrativity, the study demonstrates how Indigenous literary production disrupts hegemonic Western canon norms by centering orality, myth, ancestral knowledge, and Indigenous ways of being. The analysis of Pataxó's work reveals a mythic narrative deeply tied to Pataxó collective memory, expressed through both verbal text and symbolic imagery. By foregrounding Indigenous authorship as essential to literature grounded in identity, land, and ancestry, this research reaffirms literature's role as a space of resistance, affirmation, and reexistence for Indigenous peoples in contemporary Brazil.

Keywords: Indigenous literature, Children's literature, Narrativity.

1. Considerações Iniciais

A produção literária indígena contemporânea configura-se não apenas como expressão artística, mas como potente instrumento de reflexão sobre a alteridade e os modos de existência distintos da hegemonia cultural não indígena. Partindo desse pressuposto, este trabalho tem como objetivo analisar as estratégias narrativas empregadas por escritores indígenas em obras destinadas ao público infantil, investigando como tais textos constroem representações culturais, subvertem estereótipos e articulam cosmovisões próprias. Ao focalizar o universo infantil, a pesquisa busca ainda compreender de que maneira essa literatura atua na formação de leitores críticos, capazes de reconhecer e valorizar a diversidade étnico-cultural brasileira.

Enquanto o Indianismo romântico idealizava figuras indígenas a partir de uma visão sintética e eurocentrada, a literatura indígena contemporânea ressignifica narrativas históricas, apresentando temporalidades, espacialidades e epistemologias próprias. Essa abordagem não apenas amplia o cânone literário, mas também oferece ferramentas para uma educação antirracista e decolonial.

Nesse contexto, emerge o que se poderia chamar de "novo Indianismo literário do século XXI", no qual a história indígena é (re)contada pelos próprios indígenas. Como destaca Lutti (2015, p. 26), “na história indígena interessa o tempo anterior ao contato com os europeus, a história do contato, as transformações ocorridas dentro das sociedades indígenas após o contato e a visão histórica dos próprios grupos estudados”. Essa perspectiva permite compreender as narrativas indígenas como reescritas da história do Brasil, capazes de tensionar versões hegemônicas do passado e do presente.

Nesse sentido, a representatividade indígena na literatura infantil implica reconhecer a presença das vozes indígenas na produção literária. A pesquisadora Thiél (2012), ao questionar sobre a existência ou não da literatura indígena, pondera que por muito tempo o colonizador europeu silenciou ou ignorou as vozes dos indígenas, mas a arte narrativa manteve sua expressão na América. No final do século XX, mais precisamente em 1990, esse cenário começou a mudar. Diversos escritores indígenas brasileiros passaram a alcançar maior visibilidade e divulgação. Assim, Thiél conclui que já não há mais o que se discutir: existe, sim, uma literatura indígena brasileira.

[...] se há alguma dúvida com relação a haver ou não uma literatura indígena, acredito que esta possa ser respondida pelo fato de que há leitores

que leem essa produção como literatura. Isso significa ver na junção de texto, textura e contexto das obras indígenas critérios que lhes conferem validade literária (Thiél, 2012, p. 72).

Na literatura indígena não há apenas uma textualidade narrativa, mas sim várias textualidades construídas segundo a diversidade cultural das nações indígenas, seus contextos e formas de utilização de multimodalidades discursivas. Assim, a maneira como a elite literária tende a classificar obras da tradição ocidental torna-se imprópria para a análise das obras indígenas.

Por isso, o estudo da literatura indígena é de suma importância, pois ajuda a romper estereótipos e a perceber os povos originários como capazes de produzir textos com valor estético e literário, em outras palavras, promove o respeito à diversidade, reconhece e valoriza a contribuição de diferentes etnias que constitui a identidade brasileira.

Nesse cenário, impõe-se à pesquisa literária a tarefa de investigar como essas narrativas contribuem para a formação de leitores. Conforme Lajolo e Zilberman (1985), a literatura infantil integra o processo de socialização da criança, constituindo-se como instância formadora paralela à família e à escola, ao construir representações particulares da infância e da prática leitora. Desse modo, é fundamental proporcionar às crianças o acesso a narrativas sobre culturas indígenas produzidas pelos próprios membros desses povos. Por isso, nós pesquisadores somos conscientes do papel da literatura para o fomento das culturas indígenas, para a sociedade brasileira não indígena.

Diante desse quadro, a pesquisa adotou como abordagem metodológica uma investigação de natureza bibliográfica; trata-se, portanto, de uma pesquisa qualitativa, tendo como corpus de análise a obra "Txopai e Itôhã" (1997) do escritor indígena Kanáttyo Pataxó. A obra selecionada integra os acervos complementares do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) de 2013, sendo destinada ao público do Ensino Fundamental e, consequentemente, de conhecimento tanto dos docentes quanto dos discentes dessa etapa educacional.

2. A narratividade indígena na literatura infantil

Discutir a narratividade indígena na literatura infantil exige, antes de tudo, compreender o que caracteriza esse campo literário. A literatura infantil, embora tardiamente reconhecida como um gênero específico, exerce papel fundamental na formação simbólica e cultural de crianças e jovens. Como destaca Lajolo (2001), a dificuldade de definir o que

é literatura infantil reside justamente no fato de que o conceito de “literatura” não é único, variando conforme o leitor, o contexto histórico e o objetivo da leitura. Nesse sentido, ela provoca:

Não se pode dizer que literatura é aquilo que cada um de nós considera literatura? Por que não incluir num conceito de literatura as linhas que cada um rabisca em momentos especiais [...]? Por que não chamar de literatura a história de bruxas e bichos que, de noite, à hora de dormir, sua mãe inventava para você e seus irmãos? [...] Estes textos não têm a mesma cidadania literária que o romance famoso de Gustave Flaubert ou José de Alencar? (Lajolo, 2001, p. 12-13).

As questões propostas por Marisa Lajolo nos convidam a refletir sobre o que é literatura. E, segundo a própria autora, a resposta é simples: “Tudo isso é, não é e pode ser que seja literatura. Depende do ponto de vista, do significado que a palavra tem para cada um, da situação na qual se discute o que é literatura.” (Lajolo, 2001, p. 16). Para a escritora, a obra literária não está ligada apenas a valores sociais, mas também a dimensões pessoais, uma vez que cada leitor constrói um significado próprio para a palavra literatura.

Nessa perspectiva, a literatura infantil não se define apenas por seus destinatários (as crianças), mas também pela intenção comunicativa, pelo tratamento do conteúdo e pela linguagem utilizada. Para Nelly Novaes Coelho (2000), a literatura voltada à infância precisa considerar os diferentes estágios do desenvolvimento infantil, o que implica adequar a narrativa às capacidades cognitivas e afetivas do leitor em formação. Essa literatura tem a missão de “tocar o imaginário da criança com autenticidade, respeitando suas formas de percepção do mundo” (Coelho, 2000, p. 30).

Já Antonio Candido (1995) amplia essa noção ao afirmar que toda forma literária, do conto popular à obra clássica, cumpre uma função essencial na formação do ser humano: Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos de folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações (Candido, 1995, p. 174).

Assim, a literatura infantil, em sua função estética e formadora, precisa ser compreendida como espaço de construção de sentido, de humanização e de acesso à cultura letrada. Como afirma Cecília Meireles (1984, p. 20), “não haveria, pois, uma literatura

infantil a priori, mas a posteriori”, ou seja, é a criança quem reconhece e consagra o texto como seu, a partir da leitura e do prazer que ela proporciona.

A partir dessa compreensão, podemos afirmar que a literatura indígena, quando destinada à infância, amplia o repertório simbólico da criança, pois introduz novas formas de narrar, de pensar o tempo, o espaço e a relação com o outro. Trata-se de uma literatura que, não apenas subverte estereótipos, mas também propõe uma literatura que articula oralidade, ancestralidade, saberes espirituais, práticas comunitárias e múltiplas temporalidades.

Historicamente, a figura do indígena na literatura brasileira foi construída sob a ótica do colonizador. Os personagens indígenas eram frequentemente retratados como exóticos, ingênuos ou perigosos, servindo como pano de fundo para a valorização da cultura europeia. A literatura infantil que circulava nesse contexto era pautada por uma visão patriótica e ufanista, inspirada em modelos europeus. Grande parte da produção literária do período consistia em traduções e adaptações de obras estrangeiras, o que reforçava a reprodução de estereótipos e a marginalização das culturas originárias.

Por essa razão, encontrar na literatura infantil representações sensíveis e respeitosas dos povos indígenas, como ocorre em algumas obras atuais, era praticamente impossível no século XIX. A produção literária desse período, mesmo quando escrita por autores brasileiros renomados, como Monteiro Lobato, Erico Verissimo, Mauricio de Souza, Ana Maria Machado, os irmãos Cláudio e Orlando Villas-Bôas, Clarice Lispector e Ruth Rocha, refletia, em maior ou menor grau, marcas da dominação colonial e condições de subalternidade impostas ao indígena em relação ao homem branco. Como afirmam Zilberman e Lajolo (1986, p. 131), o indígena estava “sempre do lado errado, a não ser quando se civiliza, convertendo-se ao cristianismo e aliando-se aos brancos”.

Com o passar dos anos, a literatura infantil passou a se comprometer mais com a alteridade e, a partir da década de 1980, o indígena começa a ocupar o papel de protagonista e narrador de sua própria história. Inaugura-se, assim, um novo indianismo, como expressam Lajolo e Zilberman (2017), que rompe com representações estereotipadas, submissas, desculturadas e exóticas, anteriormente predominantes em obras como *As Aventuras de Hans Staden* (1927), de Monteiro Lobato; *As Aventuras de Tibicuera* (1937), de Erico Verissimo; e *Papa-Capim* (1960), de Mauricio de Sousa — títulos ainda presentes nos catálogos de grandes editoras.

Essa mudança no lugar de fala, que segundo Djamila Ribeiro (2017) significa permitir o acesso de múltiplas vozes e romper com o discurso autorizado e único reproduzido historicamente pela literatura, só se tornou possível em razão de importantes acontecimentos políticos e sociais nas últimas décadas. Esses eventos apontam para novos horizontes na relação entre o Estado, a sociedade brasileira e os povos indígenas. Como será mencionado a seguir, trata-se de um processo contínuo de fortalecimento da identidade indígena.

3. A construção poética na narrativa de Kanáttyo Pataxó

O corpus analisado é a obra *Txopai e Itôhã*, publicada em 1997 pela Editora Formato, escrita e ilustrada por Kanáttyo Pataxó. Trata-se de um mito cosmogônico que narra a origem do primeiro indígena Pataxó a chegar à Terra. Segundo a narrativa, esse ser primordial nasceu de uma gota de chuva e, dotado da sabedoria de quem veio primeiro, torna-se responsável por ensinar toda uma geração que surgiria bem depois, também oriunda de outra chuva.

Assim como no enredo da obra, o nome tribal Kanáttyo foi o primeiro a surgir em sua aldeia, uma autodenominação revelada por meio de um sonho, no qual o autor identificou seu protetor: “um animal”, “uma caça”. Já o nome Pataxó refere-se ao pertencimento étnico de seu povo. Conforme consta na contracapa da obra, Kanáttyo Pataxó chama-se Salvino dos Santos Braz, nascido em 21 de junho de 1961, na aldeia Barra Velha, localizada no extremo sul do estado da Bahia.

Desde a infância, demonstrava grande interesse em observar a natureza e pesquisar sobre os modos de vida de seu povo. Essa sensibilidade despertou nele o desejo intrínseco de compor canções com temáticas voltadas à valorização da natureza e da cultura indígena. Além de escritor e artista, Kanáttyo também é professor, uma profissão que assume importância central em sua trajetória, pois, por meio da escola, ele reconstrói e registra a história de seu povo, levando sua voz e sua memória às novas gerações e à sociedade em geral.

Suas histórias e canções são escritas em português, uma vez que a língua Pataxó foi considerada extinta pelos linguistas. No entanto, há atualmente um esforço coletivo para sua revitalização, conforme explica Dutra (2013):

A língua pataxó vem sendo recuperada pelos índios em duas vertentes: uma, a do patxohã – língua de guerreiro, em torno da qual se reúne um grupo de jovens pesquisadores Pataxó da Bahia. Kanatyo, no entanto,

alinha-se com outra vertente, a que considera que a língua pataxó é diretamente vinculada à língua maxacali (2013, p. 43).

Para o autor, Kanáttyo Pataxó considera que o patxohã faz comunicações com outras influências linguísticas, enquanto que a língua pataxó seria a mesma língua maxacali, embora com pequenas diferenças. Mas para ele, não importa a língua utilizada entre seus povos.

Hoje, um dos grandes líderes dos povos pataxós, suas canções, livros, palestras, entrevistas, circulam nos meios acadêmicos, nos meios indígenas, na *internet*. Seu discurso levou-o em 2000 a ser condecorado pelo Governador Itamar Franco com a Medalha de Honra da Inconfidência Mineira e a Medalha de Honra do Mérito Educacional pelos relevantes serviços prestados à Educação em Minas Gerais.

Além da obra em análise, Kanáttyo Pataxó publicou *Cada dia é uma história* (2001), em parceria com Poniohom e Jassanã Pataxó, *O povo pataxó e suas histórias* (2002) e *O machado, a abelha e o rio* (2005), em parceria com Werimehe. Algumas dessas obras, como o livro *Txopai e Itôhã* foi “Altamente Recomendável” para crianças no ano de 2000, ou foram compradas por programas governamentais de incentivo à leitura e à formação da biblioteca escolar. Assim, em 2005, a obra *O Povo Pataxó e suas histórias* fez parte do acervo do PNBE e no mesmo ano, por meio da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD), o MEC publicou o livro *O machado, a abelha e o rio*. Além das obras literárias, elaborou materiais didáticos diversos para a escola indígena Bakumuxá, onde atua.

Txopai e Itôhã é uma obra destinada ao público infantil e infantojuvenil. Conforme Troquez (2012), ela foi produzida no contexto da construção das escolas indígenas específicas, diferenciadas, interculturais e bilíngues/multilíngues, configurando-se como uma narrativa pensada para ser utilizada por professores indígenas. Trata-se de uma das versões de um mito de origem do povo Pataxó, contada por Apinhaera Pataxó, reconhecida na aldeia como uma das maiores conhecedoras das histórias tradicionais, e posteriormente transcrita por Kanáttyo Pataxó.

A criação do livro resultou de um projeto desenvolvido por cinco professores Pataxó que participavam de um curso de formação de professores indígenas promovido pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Após ouvirem o relato de Apinhaera, cada

professor escreveu sua própria versão do mito, sendo a de Kanátyo escolhida pelo grupo como a mais sensível e representativa para ser publicada.

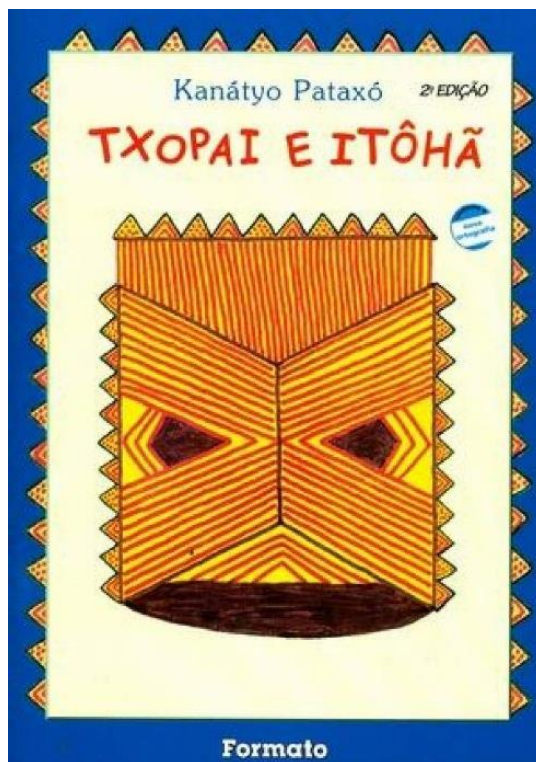
Nesse sentido, o mito *Txopai e Itôhã* nos coloca diante de uma construção a partir de fragmentos da memória coletiva. Segundo Halbwachs (1990), são memórias comuns de um determinado grupo social, uma espécie de acervo de lembranças compartilhadas. Que resultam na ligação com o passado mítico, mantido pelas histórias das descendências de cada etnia.

De modo geral, nas sociedades de tradição tribal/oral, o mito apresenta-se como uma estrutura complexa e multidimensional. Uma dessas funções é de ser a história verdadeira em que se funda a sociedade. Processando-se como memória atualizada, o mito estabelece a ligação entre as várias gerações, permitindo criar um efeito identitário, através do qual a nação-povo manifesta uma consciência de homogeneidade e continuação (Thiél, 2012, p. 82).

Como esclarece a autora, o mito, para ter significação, precisa ser compartilhado entre os membros de um mesmo grupo. Com a repetição, de boca em boca, ele propaga e atinge várias gerações. Hoje, Kanátyo Pataxó, para apresentar o mito de origem dos povos pataxós, usa da escrita e do grafismo, para nos contar a trajetória de Txopai, o criador dos povos pataxós.

A capa (figura 1), primeiro elemento da narrativa, rompeu com a soberania da linguagem verbal. Kanátyo Pataxó, além de escritor da obra, também é o ilustrador, trouxe através dos desenhos feitos de canetinha, que remete a traços infantis, o hibridismo de linguagem, entre a verbal e a visual. Nesse sentido, ele exibiu na capa uma imagem vinculada à tradição ancestral dos povos pataxós, o que caracteriza marcas de autoria coletiva e, segundo Bonin (2012, p. 43), “expressa um senso de pertença à determinada coletividade”. Não é uma mera ilustração, é uma imagem simbólica que representa o pai dos povos pataxós (Txopai), porém, só terá significado, conforme explica Camargo (2006), quando associado ao referente (texto).

Figura 1: Capa do livro *Txopai e Itôhã*



Fonte: Pataxó (2000)

A dedicatória do livro marca o tom do texto de Kanáttyo Pataxó, ele descreve por meio das informações contidas nesse paratexto, que a obra foi feita com muito carinho para as crianças pataxós em especial para seus filhos, como possibilidade dos pequenos se perceberem nesse universo narrativo construído a partir de um mito contado por um mais velho.

Nesse sentido, a narrativa mitológica inicia descrevendo, em um ritmo temporal referente ao passado, que, na criação do mundo, não existia o homem (povos indígenas), só existiam bichos e passarinhos, macaco, caititu, veado, tamanduá, anta, onça, capivara, cutia, paca, tatu, sariguê, teiú” (Pataxó, 2000, p. 7), eram de raças diferentes, a natureza perpetuava, bela com sua fauna e flora.

A distância entre o passado e o presente, continua na voz do narrador, pois mesmo exterior aos acontecimentos consegue interpretar com palavras os ecos ouvidos, que “naquele tempo, tudo era diferente. Os bichos e passarinhos viviam numa grande união. Cada raça de bicho e passarinho era diferente, tinha seu próprio jeito de viver a vida” (Pataxó, 2000, p. 9). O autor nos fala do “mundo mágico” vivido pelos indígenas antes do “descobrimento” do Brasil, em que as diferenças, como sugere Bonin (2012), são

engrenagens pelas quais se definem posições de sujeito, então, constitutivas e necessárias a qualquer cultura.

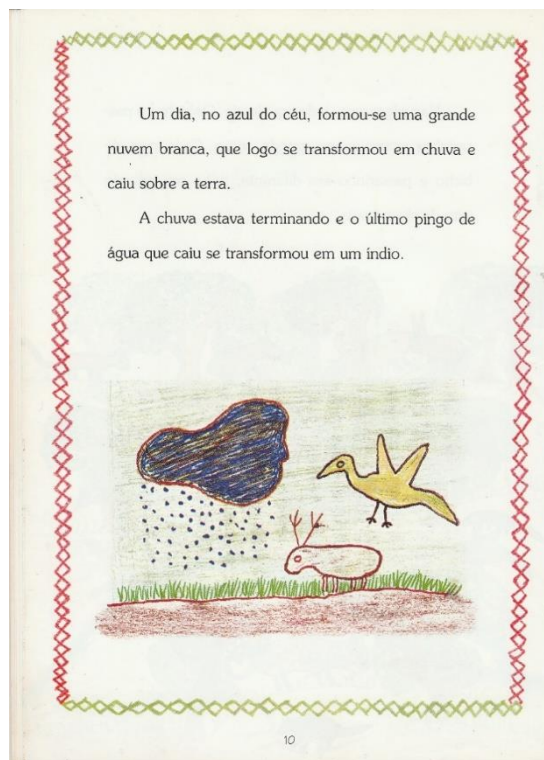
Assim, a um só passo, se constitui a diferença, como a estabelecida, por exemplo, entre os não indígenas e os indígenas. No caso da origem dos povos pataxós, segundo a linguagem mitológica do mito *Txopai e Itôhã*, eles se corporificaram a partir do elemento água, pois “um dia, no azul do céu, formou-se uma grande nuvem branca, que logo se transformou em chuva e caiu sobre a terra. A chuva estava terminando e o último pingo de água que caiu se transformou em um índio” (Pataxó, 2000, p. 10).

A água, elemento essencial para a vida de todas as espécies, foi, no mito, a responsável pela concepção dos indígenas pataxós, como diz Manuela Carneiro da Cunha (2017, p. 35), a “água é o elemento da criação”. Esse poder da água de favorecer a criação, segundo a autora, aparece em vários mitos cosmogônicos:

No mito canela, Sol e Lua criam os homens mergulhando num riacho; o mesmo ocorre no mito apinayé; no mito krahô, as mulheres são criadas pela imersão de cabaças no rio. [...] aparece em mitos de demiurgos imersos registrados entre os Xavantes, e no mito apinayé de Vanmegaprana, homólogo de Aukê, que cria os homens brancos e os homens negros a partir dos peixes (Cunha, 2017, p. 35).

Esse provedor chuva é também representado na ilustração (figura 2) do autor-ilustrador Kanáttyo Pataxó, ele demonstra por meio da linguagem não verbal em convergência com a verbal que o primeiro homem que surgiu na terra foi um indígena e que ele se originou da chuva.

Figura 2: O surgimento da humanidade (indígena)



Fonte: Pataxó (2000, p.12)

Kanátyo Pataxó continua sua narrativa mítica através das palavras coletadas de Apinhaera Pataxó durante anos de convivência com os mais velhos, tidos como sábios e guardiões de saberes e repassados aos seus pela oralidade. O autor vai traduzindo ao leitor, que depois que o indígena se materializou, ele ficou deslumbrado com as coisas que ali existiam: pássaros, peixes e as florestas. Ele admirava o sol e a lua e aguardava com entusiasmo pelos novos dias. Passava todos eles em harmonia, caçando, plantando, pescando e também aprendendo todos os segredos da terra. Aqui percebemos uma característica mitológica para o conhecimento dos indígenas, não adquirido, de forma clara, já vem com ele e o aplica na terra, em suas plantações, caças, produção de remédios e rituais, pois “[...] ele trouxe consigo muitas sabedorias sobre a terra. Conhecia a época boa de plantar, de pescar, de caçar e as ervas boas para fazer remédios e seus rituais” (Pataxó, 2000, p.12). Tal conhecimento mitológico não pode ser explicado pela ciência, mas oferece dados de que se sabe a origem do mesmo.

Em continuidade ao mito, um dia, Txopai estava executando um ritual e durante ele enxergou uma grande chuva e que cada pingo ia se transformando em indígena. No dia marcado, esta caiu e dela, por meio de cada uma das gotas, surgiram outros indígenas.

Mesmo sem especificar o ritual realizado por Txopai, Kanáttyo Pataxó traz ao leitor mais uma característica marcante da cultura indígena, os rituais “dos antigos”. Esse que desde o contato com os não indígenas no século XVI, foram muitas vezes obrigados a esconder.

Depois que a chuva passou, Txopai reuniu todos os seus parentes e declarou que iria morar lá em cima, no Itôhã, o lugar do sagrado. Os demais indígenas ficaram tristes com o anúncio de sua partida, mas concordaram quando ele lhes disse que iria ao Itôhã para cuidar deles. Mas antes de ir, ensinou tudo o que sabia a seus parentes. Nesse ponto da narrativa, a preservação da cultura e da tradição acontece por meio da transmissão do conhecimento entre as gerações, uma vez que o indígena só parte após passar a seus parentes aquilo que sabia.

A noção de “família” também aparece presente nessa passagem, quando o indígena reúne todos os seus para comunicar-lhes que partirá a Itôhã. Eles vivem todos juntos, compartilham da vida e das tarefas, da rotina do dia a dia. Por outro lado, quando o indígena vai embora, partilham do sentimento de cuidado: “[...] eu tenho que ir morar lá em cima no Itôhã, porque tenho que proteger vocês” (Pataxó, 2000, p. 18).

No final do mito, como em narrativas escritas na perspectiva não indígena, estabeleceu um equilíbrio absoluto, um estado de felicidade: “Daquele dia em diante, os índios começaram sua caminhada aqui na terra, trabalhando, caçando, pescando, fazendo festas e assim surgiu a nação pataxó” (Pataxó, 2000, p. 22). Mesmo que essa harmonia representada no final do conto foi destruída pelos colonizadores, os espíritos desse povo (ancestrais, com mais de 500 anos) continuaram presentes nas comunidades indígenas.

Como é possível observarmos, esse mito escrito por Kanáttyo Pataxó (2011) e narrado por Apinhaera Pataxó, dois representantes da comunidade pataxó, faz referência a outro tempo, que não é o tempo atual, mas um passado ancestral. A narrativa nasceu dentro do mundo dos povos pataxós, que não se sabe quem narrou primeiro, é uma coisa nata. Para os autores, esse mito retrata verdadeiramente o princípio da vida dos povos pataxós, por isso fizeram o livro, como um mensageiro para fomentar quem é o seu povo.

Outro ponto marcante em *Txopai e Itôhã* é a relação do indígena com a natureza. Anterior aos povos indígenas existia apenas a natureza, bela com sua fauna e flora, onde todos viviam em harmonia, até a vinda do primeiro indígena. Esse primeiro indígena é Txopai, como o próprio nome faz referência, é o pai dos demais indígenas. Todos são filhos

da chuva, nascido em volta à natureza. Txopai, depois de criado os filhos, foi “morar lá em cima no Itôhã” (Pataxó, 2000, p. 21), tornou-se o deus dos pataxós. É como na história bíblica da origem do Universo, acreditados pelos cristãos, na qual Deus primeiro criou o mundo e os animais, e depois, no sexto dia, criou Adão e Eva e foi descansar no sétimo dia.

Sob outra perspectiva, a narrativa de Pataxó (2000) chama atenção para a cultura indígena: é a valorização, o cuidado e a ligação com a terra, bem como o cultivo e a caça sem a degradação do meio ambiente em que vivem. Isso faz sentido ao apresentar que as primeiras observações acerca da origem do Universo se dão por meio de quatro eixos da natureza: água, ar, terra e fogo.

A água é o mais forte para a tradição pataxó, uma vez que representa, para eles, a mãe da vida. “[...] a chuva estava terminando e o último pingo de água que caiu se transformou em um índio” (Pataxó, 2000, p. 10). Assim, “[...] pataxó é água da chuva batendo na terra, nas pedras, e indo embora para o rio e mar” (Pataxó, 2000, p. 22).

Por fim, com relação às ilustrações do livro, são desenhos bastante singulares, tanto pelo aprimoramento dos traços, quanto pelo *design*. Porém, em termos de conteúdo correlatam muito com as descrições verbais, com representações da natureza, bichos, plantas e rios, e poucas ilustrações da figura humana.

Além dos elementos naturais, destacam-se as imagens simbólicas presentes na obra, que carregam significados profundos para a cultura indígena. Como ilustrador e membro do povo Pataxó, Kanátýo Pataxó utiliza representações visuais que transcendem a estética, configurando-se como expressões identitárias de seu grupo. Esses signos, como os traços geométricos que representam Txopai na capa, não apenas complementam a narrativa verbal, mas também reforçam a cosmovisão e os valores ancestrais do povo Pataxó. Dessa forma, as ilustrações funcionam como um código cultural, conectando o leitor ao universo simbólico e à memória coletiva indígena.

Nessa autoria compartilhada, a narrativa *Txopai e Itôhã* confere veracidade ao mito relatado. A autoria indígena coletiva expressa, então, a formação identitária de um grupo cultural, que, ora integram estilos étnicos, ora estilos pessoais. Ademais, o texto propõe uma revisão da história oficial do Brasil, pois há uma confirmação territorial dos povos indígenas, como primeiros habitantes brasileiros.

4. Considerações finais

A literatura indígena voltada à infância revela-se uma ferramenta potente na construção de novas possibilidades de leitura do Brasil e de seus sujeitos. Ao ocupar esse espaço com suas próprias narrativas, os escritores indígenas rompem com o silêncio histórico a que foram submetidos, oferecendo não apenas histórias, mas visões de mundo, memórias coletivas e saberes ancestrais.

A análise da obra *Txopai e Itôhã*, de Kanátyo Pataxó, permite compreender como a literatura pode funcionar como território simbólico de afirmação da identidade e valorização da cultura indígena. Por meio da palavra escrita e da imagem ilustrada, Kanátyo recupera um mito de origem do povo Pataxó, transmitido oralmente por uma anciã da aldeia. A narrativa entrelaça ancestralidade, espiritualidade, respeito à natureza e à coletividade, oferecendo às crianças indígenas (e não indígenas) uma literatura que os representa e os educa.

Além disso, a presença dessa obra em programas governamentais, como o PNLD, reforça a importância da inserção da literatura indígena nos ambientes escolares, contribuindo para uma educação que reconheça e valorize a pluralidade cultural brasileira. Nesse contexto, a literatura infantil indígena não é apenas estética; é também ética, política e formadora.

Dessa forma, reafirma-se que a poética indígena no universo infantil não se limita à representação de personagens ou temas tradicionais, mas constitui um campo de enunciação onde a voz indígena se faz presente, legítima e necessária. Ao recuperar seus mitos, seus nomes, suas línguas e suas memórias, os povos originários continuam a escrever e a reescrever a história do Brasil.

4. Referências

BONIN, Tatiana. **A temática indígena em livros selecionados pelo PNBE: análises e reflexões.** In: SILVEIRA, R.; BONIN, T. (Orgs.). *Literatura indígena: vozes e visibilidades.* Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012. p. 33-45.

CANDIDO, Antonio. **A literatura e a formação do homem.** In: _____. *Textos de intervenção.* São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 174-180.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática.** São Paulo: Moderna, 2000.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Antropologia e história dos povos indígenas no Brasil.** São Paulo: Editora Unesp, 2017.

DUTRA, Carlos. **A língua pataxó: revitalização e resistência.** Salvador: EDUFBA, 2013.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértice, 1990.

LAJOLO, Marisa. **O que é literatura?** São Paulo: Brasiliense, 2001.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira – história & histórias.** São Paulo: Ática, 1985.

LUTTI, Aline Castilho Crespe. **História indígena: narrativas e perspectivas.** Dourados: UFGD, 2015.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da Literatura Infantil.** 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

PATAXÓ, Kanátty. **Txopai e Itôhã.** Belo Horizonte: Editora Formato, 2000.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

THIÉL, Janice. **Literatura indígena: textualidades e contextos.** Curitiba: CRV, 2012.

TROQUEZ, Marta Coelho Castro. **Educação escolar indígena: políticas e práticas.** Dourados: UFGD, 2012.

ZILBERMAN, Regina; LAJOLO, Marisa. **Literatura infantil brasileira: história e histórias.** São Paulo: Ática, 1986.